

3. A MESA DA SALA DE JANTAR

PRIMEIRO ATO

Narrador: Em uma casa brilhantemente iluminada, com quartos espaçosos, um homem de aparência agradável está ocupado na cozinha. Está preparando uma refeição para seu tão esperado hóspede. Enquanto manipula as panelas e frigideiras, traz a sua memória os manjares com os quais seu hóspede tanto se deleita. A feliz expectativa do anfitrião é mais que evidente. Cheio de graça e com os movimentos de um bailarino, põe na mesa cinco diferentes pratos. Junto à mesa, há duas cadeiras estofadas.

Batem, então, na porta. O hóspede entra. O rosto do anfitrião ilumina-se ao vê-lo, e o convida a sentar-se à mesa para jantar. O hóspede toma assento; o anfitrião fita-o com carinho. O hóspede olha as delícias colocadas diante dele, e as cheira a uma distância educada. É evidente que gosta do que vê, mas expressa sua admiração com tato e recato, demonstrando que sabe que a comida é para ele.

Anfitrião: Sente-se, por favor. Fiz estas coisas especialmente para você, pois sei quanto lhe agradam. Ambos sabemos quão familiarizado estou com seus gostos e hábitos de alimentação. Sei que está com fome e sei o quanto é capaz de comer, por isso preparei tudo exatamente como você gosta, na quantidade exata, sem deixar uma migalha sequer.

Narrador: Se sobrasse comida depois de o hóspede estar saciado, o anfitrião e o convidado ficariam inconformados. O anfitrião ficaria insatisfeito, pois isso significaria que ele desejava dar ao seu hóspede mais do que este desejava receber. Por sua vez, o hóspede ficaria decepcionado por não poder satisfazer o desejo do anfitrião de consumir toda a comida oferecida. O hóspede também lamentaria o fato de estar saciado se ainda restassem manjares, se não pudesse gozar de nem mais um deles. Isso significaria que lhe faltara o desejo suficiente de desfrutar todo o prazer oferecido.

Hóspede: (Solenemente) De fato, você preparou exatamente o que eu queria ver na mesa e comer durante o jantar. Até mesmo a quantidade é justamente a correta. Isto é tudo o que sempre quis da vida: desfrutar tudo isso. Para mim, seria o máximo prazer divino.

Anfitrião: Bem, então pegue tudo, e desfrute. Será, para mim, um prazer.

Narrador: O hóspede começa a comer.

Hóspede: (Obviamente desfrutando, com sua boca cheia; não obstante, parece um pouco preocupado) A que se deve o fato de que, quanto mais como, menos desfruto a comida? O prazer que sinto tira a fome e, portanto, meu gozo é cada vez menor. Quanto mais perto estou de ter a sensação de saciedade, menos desfruto a comida.

E, ao receber todo o alimento, não me resta mais que a memória do prazer, não o prazer em si. O qual estava lá somente enquanto eu tinha fome. No momento em que esta se desvaneceu, ocorreu o mesmo com o gozo. Recebi o que tanto desejava e, porém, fiquei sem prazer, nem alegria. Não quero mais nada, não há nada que me provoque alegria.

Anfitrião: (Um pouco ressentido) Fiz todo o possível para lhe dar prazer. Não é minha culpa que a simples recepção do prazer acabe com a sensação de deleite, já que o desejo foi embora. De qualquer forma, agora você já está cheio de tudo o que lhe preparei.

Hóspede: (Defendendo-se) Ao receber tudo o que você me preparou, nem sequer consigo lhe agradecer, porque deixei de gozar da abundante comida que você me deu. O principal é que sinto que você me deu algo, ao passo que eu não lhe dei nada em troca. Portanto, você me fez sentir vergonha, ao manifestar, inadvertidamente, que você é o que outorga e eu sou o que recebe.

Anfitrião: Não demonstrei que você era o receptor, e eu o outorgante. Mas o simples fato de você ter recebido algo de mim, sem ser recíproco, deu-lhe a sensação de estar recebendo algo de mim, apesar do fato de a benevolência fazer parte de minha natureza. A única coisa que quero é que aceite minha comida. Isso, não posso mudar. Veja bem: eu crio peixes. A eles, não importa quem lhes fornece a comida e os alimenta... Também cuido de Bob, meu gato. Ele também não se importa, nem sequer um pouco, com as mãos pelas quais lhe chega o alimento. Mas Rex, meu cachorro, importa-se sim, e não pegaria o alimento de qualquer um.

Narrador: As pessoas são constituídas de tal modo, que há os que recebem sem sentir que alguém lhes está dando, e somente tomam. Alguns até mesmo roubam sem remorso! Mas, quando as pessoas desenvolvem o senso de si mesmas, sabem quando lhes estão outorgando, e isso lhes desperta a consciência de que são receptoras. Isso traz consigo vergonha, auto-reprovação e agonia.

Hóspede: (Um pouco apaziguado) Mas o que posso fazer para receber prazer, sem me considerar o receptor? Como posso neutralizar a sensação interna de que você é o que outorga e eu o que recebe? Se há uma situação de dar e receber, e isso provoca em mim esta vergonha, o que posso fazer para evitá-la?

Talvez você possa agir de modo que eu não me sinta como o receptor! Mas isso seria possível apenas se eu não estivesse consciente de sua existência (como os seus peixes), ou se o houvesse percebido, mas sem entender que você estava me dando alguma coisa (como um gato, ou um ser humano subdesenvolvido).

Anfitrião: (Contraindo seus olhos em sinal de concentração, e falando em tom pensativo) Acho que, afinal de contas, existe uma solução. Você seria capaz de encontrar um modo de neutralizar a sensação de recepção dentro de si?

Hóspede: (Seus olhos se iluminam) Ah, Entendi! Você sempre quis me ter como seu hóspede. Então, amanhã, virei aqui e me comportarei de modo que faça com que sinta que você é o receptor. Eu continuarei sendo o receptor, evidentemente, comendo tudo o que você tiver preparado, mas me sentirei como o que outorga.

SEGUNDO ATO

Narrador: No dia seguinte, na mesma sala, o anfitrião preparou comida fresca, exatamente com as mesmas delícias do dia anterior. Sentou-se à mesa e o hóspede entrou, com uma expressão desconhecida em seu rosto, um tanto misteriosa.

Anfitrião: (Com sorriso resplandecente, inconsciente da mudança) Estava esperando por você. Estou tão contente por vê-lo! Sente-se.

Narrador: O hóspede senta-se à mesa e cheira a comida gentilmente.

Hóspede: (Olhando a comida) Tudo isso é para mim?

Anfitrião: Mas, claro! Somente para você! Adoraria, se você estivesse disposto a receber tudo isso de mim.

Hóspede: Obrigado, mas na verdade não o desejo tanto.

Anfitrião: Bem, isso não é verdade! Você o deseja sim, e eu sei, com certeza! Por que não o quer receber?

Hóspede: Não posso receber tudo isso de você. Faz com que me sinta desconfortável.

Anfitrião: O que quer dizer com desconfortável? Desejo tanto que você coma tudo isso! Para quem você acha que preparei? Dar-me-ia tanto prazer, se você comesse tudo...

Hóspede: Talvez você tenha razão, mas eu não desejo comer toda essa comida.

Anfitrião: Mas você não está apenas recebendo comida; também está me fazendo um favor, ao sentar-se a minha mesa, desfrutando tudo o que

preparei. Não fiz tudo isso para você, mas porque gosto que o receba de mim. É por isso que, ao aceitar comer, estaria me fazendo um favor. Você estaria recebendo tudo isso para mim! Não estaria tomando, mas me dando uma grande alegria. De fato, não seria você quem receberia com minha comida, mas, ao contrário, eu obteria uma grande alegria de você. Seria você quem estaria dando algo a mim, e não o contrário.

Narrador: Quase implorando, o anfitrião desliza o cheiroso prato diante de seu renitente hóspede. Este o afasta de si. O anfitrião desliza outra vez o prato em direção a seu hóspede, que o recusa novamente. O anfitrião suspira, revelando, por meio da linguagem corporal, o quanto deseja que seu hóspede aceite os alimentos. Este assume a postura do outorgante: a de que está fazendo um favor ao anfitrião.

Anfitrião: Eu imploro! Por favor, faça-me feliz.

Narrador: O hóspede começa a comer, depois pára para pensar. Depois, recomeça, e de novo se abstém. Cada vez que pára, o anfitrião o estimula a continuar. Somente depois de certa persuasão, o hóspede continua. O anfitrião continua colocando novos manjares diante de seu hóspede, suplicando-lhe a cada vez que o satisfaça ao aceitá-los.

Hóspede: Se eu pudesse ter a certeza de que estou comendo porque isso lhe dá prazer, e não porque eu assim o desejo, então você se tornaria o receptor, e eu o que outorga o prazer. Porém, para que isso ocorra, devo ter certeza de que estou comendo somente por você, e não por mim.

Anfitrião: Mas claro que você está comendo somente por mim. Afinal de contas, você se sentou à mesa e nem sequer provou nada, até que lhe demonstrasse que você não estava somente comendo, mas me dando uma grande alegria. Você veio aqui para me dar prazer.

Hóspede: Mas, se eu aceitasse algo que não desejasse inicialmente, não o desfrutaria recebendo-o, e você não teria o prazer de me ver aceitar voluntariamente seu oferecimento. Então, acontece que você pode receber prazer apenas na medida em que eu desfrutar seu oferecimento.

Anfitrião: Eu sei exatamente quanto você gosta desta comida e quanto pode comer de cada prato. Portanto, preparei estes cinco pratos. Afinal, eu sei o quanto você deseja este prato ou aquele outro, mais que qualquer outra coisa em sua vida. Saber quanto você gosta deles evoca em mim a sensação de seu prazer. Também me agrada que você desfrute minha comida. Não tenho dúvidas de que o prazer que recebo de você é genuíno.

Hóspede: Como posso ter a certeza de que estou desfrutando estes manjares somente porque você assim o deseja e porque preparou tudo isso para mim? Como posso ter a certeza de que não devo recusá-los por que, ao recebê-los de você, na realidade o que faço é dar-lhe alegria?

Anfitrião: Muito simples! Porque você recusava completamente

minhas ofertas, até ter a certeza de que fazia isso por meu prazer. Só então você aceitou. Depois de cada bocado você sentirá que está comendo por meu prazer, e perceberá a alegria que me causa.

Hóspede: Posso me livrar da vergonha e orgulhar-me ao dar-lhe prazer, se pensar, cada vez que recebo, que o estou recebendo por você.

Anfitrião: Pois coma tudo! Você deseja tudo, e assim estará me dando um prazer ilimitado!

Hóspede: (Desfrutando a comida e terminando até o último prato, mas, depois, percebendo que ainda não está satisfeito) Então, agora terminei toda a comida e gostei. Não há mais comida para desfrutar. Acabou-se meu prazer, porque não tenho mais fome. Já não posso dar alegria a nenhum de nós. E agora, o que faço?

Anfitrião: Não sei. Você me deu um grande prazer ao receber de mim. Que mais posso fazer por você, de modo que possa desfrutar mais vezes? Como é possível que você deseje comer de novo, se já terminou tudo? O que lhe provocará o apetite mais uma vez?

Hóspede: Certo, meu desejo de desfrutar tornou-se um desejo de conferir-lhe alegria, e, se agora não posso desfrutar, como posso agradá-lo? Afinal de contas, não é possível criar dentro de mim apetite para outro convite de cinco pratos!

Anfitrião: Eu não preparei nada além do que você desejou. Fiz todo o possível, de minha parte, para agradá-lo. Seu problema é: “Como posso continuar desejando mais, se recebo mais e mais”.

Hóspede: Mas, se o prazer não satisfaz minha fome, não posso percebê-lo como prazer. Essa sensação chega, quando satisfação minhas necessidades. Se não estivesse faminto, não poderia desfrutar a comida e, portanto, também não poderia conferir-lhe alegria. O que posso fazer para permanecer com esse desejo constante, e oferecendo-lhe constantemente alegria ao mostrar meu prazer?

Anfitrião: Para conseguir isso, você precisa de uma fonte diferente de desejo e de diversos meios de satisfação. Ao usar sua fome para receber tanto a comida quanto a satisfação de comê-la, você elimina ambas.

Hóspede: Entendo! O problema é que me abstive de sentir alegria, por considerar que você se beneficiaria com isso. Rejeitei a tal ponto, que, apesar de toda a comida estar diante de mim, não a podia aceitar por vergonha de recebê-la. Essa vergonha era tão intensa, que eu estava disposto a morrer de fome, apenas para evitar a sensação de vergonha de ser o receptor.

Anfitrião: Mas, então, quando você se convenceu de que não estava recebendo para si mesmo, começou a receber para meu benefício. Devido a isso, desfrutou tanto a comida quanto o prazer que me dava. Por essa razão,

o alimento deve estar de acordo com a sua vontade. Afinal de contas, se não fosse pelo prazer da comida, que outro prazer você poderia me oferecer?

Hóspede: Porém, não é suficiente receber para você, sabendo que você tem prazer de fazê-lo por mim. Se meu prazer viesse de sua alegria, então a origem de meu prazer não seria o alimento, mas sim você! Preciso sentir sua alegria.

Anfitrião: Isso deve ser fácil, pois estou totalmente aberto a isso.

Hóspede: Sim, mas do que depende meu prazer? Depende de você, a quem estou dando o prazer. Isso significa que meu prazer depende da magnitude de meu desejo de dar-lhe o prazer; isto é, o grau em que percebo sua grandeza.

Anfitrião: O que posso fazer, então?

Hóspede: Se eu soubesse mais sobre você, se tivesse um conhecimento mais íntimo de você, se você realmente fosse grande, então sua grandeza e onipotência teriam se revelado para mim. Nesse caso, eu teria desfrutado não somente por dar-lhe prazer, mas também teria estado consciente de quem o estava recebendo. Portanto, meu prazer teria sido proporcional à revelação de sua grandeza.

Anfitrião: Isso depende de mim?

Hóspede: Veja, se eu dou prazer, para mim é importante saber quanto estou dando e a quem. Se for aos entes queridos, por exemplo, a meus filhos, então, estou disposto a dar na mesma proporção ao grande amor que lhes tenho. Isso me dá alegria. Mas, se alguém da rua vem a minha casa, estou disposto a dar-lhe algo, porque posso sentir empatia para com um necessitado, e espero que, quando eu estiver em uma terrível necessidade, alguém me ajude.

Anfitrião: É sobre esse princípio que reside o conceito global do bem-estar social. As pessoas perceberam que, se não houver ajuda mútua, todos sofreriam. Isto é, sofreriam, quando necessitassem. O egoísmo obriga as pessoas a dar, mas isso não é, na verdade, outorgar. É simplesmente uma maneira de garantir a sobrevivência.

Hóspede: Na realidade, não acho que esse tipo de entrega seja genuína. Toda nossa “generosidade” não é nada além de uma forma de recebermos prazer, ao satisfazer a nós mesmos e a nossos entes queridos.

Anfitrião: Então, como posso lhe dar um prazer que vá além do encontrado nos alimentos?

Hóspede: Isso não depende de você, mas de mim. Se a pessoa que viesse a minha casa fosse uma personalidade muito importante, eu receberia mais prazer em dar-lhe algo do que se se tratasse de uma pessoa comum. Isso significa que meu prazer depende não da comida, mas de quem a preparou!

Anfitrião: O que eu posso fazer, então, para que me respeite mais?

Hóspede: Como recebo para o seu benefício, não para o meu, quanto mais respeito eu tiver por você, mais prazer terei ao saber a quem estou dando.

Anfitrião: Então, como posso aprofundar sua estima por mim?

Hóspede: Fale-me de você! Mostre-me quem você é! Assim, eu poderia obter prazer não simplesmente por receber a comida, mas também por conhecer quem a está me oferecendo; por saber com quem tenho um relacionamento. A mais ínfima porção de alimento recebida de uma grande figura me dará uma quantidade de prazer muito maior, que crescerá na proporção de quão grande eu considerar que você seja.

Anfitrião: Isso significa que, para o prazer ser grande, devo me abrir, e você deve desenvolver a habilidade de me conhecer.

Hóspede: Exatamente! Isso é o que cria uma nova fome em mim, o desejo de dar cresce em proporção a sua grandeza. Isso não é porque queira me livrar da sensação de vergonha, pois essa não me deixará satisfazer minha fome.

Anfitrião: Desse modo, você começa a sentir não mais a fome, mas minha grandeza e seu desejo de me dar prazer. Então, você está dizendo que não deseja saciar meu apetite, mas se deleitar com minha grandeza e seu desejo de me agradar?

Hóspede: É isso, o que tem de mau? Posso receber prazer pela comida muitas vezes mais do que a comida em si pode dar, visto que acrescento à fome um segundo desejo: o de outorgar-lhe.

Anfitrião: Também devo cumprir isso.

Hóspede: Não. A vontade de fazer isso – e seu cumprimento –, eu criarei em mim mesmo. Para isso, preciso apenas conhecê-lo. Revele-se a mim e criarei dentro de mim o desejo de outorgar-lhe. Também receberei prazer por dar, e não pela eliminação da vergonha.

Anfitrião: O que você ganhará com isso, além do fato de seu prazer aumentar?

Hóspede: (Claramente insinuando que esse é o cerne da questão) Há outro benefício primordial: se eu criar em mim uma nova vontade, além da fome inerente, tornar-me-ei dono dessa vontade. Sempre poderei aumentá-la, enchê-la de prazer e conferi-la a você, ao receber prazer.

Anfitrião: Você não acha que esse desejo se perde, depois de se estar satisfeito, tal como você perdeu a fome?

Hóspede: Não, porque sempre posso criar dentro de mim uma impressão maior de você. Sempre posso criar novos desejos de conferir-lhe

algo, e, ao receber de você, os porei em prática. Esse processo pode continuar indefinidamente.

Anfitrião: Do que depende?

Hóspede: Depende da descoberta contínua de novas virtudes em você, e de perceber sua grandeza.

Anfitrião: Isso significa que, a fim de conseguir a auto-indulgência permanente – na qual, ao receber um prazer egoísta, a fome não cessará, mas aumentará por essa recepção –, deve formar-se uma fome nova: a vontade de sentir quem outorga.

Hóspede: Sim, além de receber os prazeres (os manjares), aquele que recebe desenvolverá um sentido da grandeza de quem outorga. A descoberta do anfitrião e dos manjares, portanto, são a mesma coisa. Isto é, o prazer em si cria consciência acerca de quem o outorga. Este, a comida e os atributos de quem outorga são um e os mesmos.

Anfitrião: Então o que você inconscientemente queria no início era que o outorgante se revelasse. Para você, isso é de fato importante.

Hóspede: No princípio, nem sequer compreendia que era isso o que eu desejava. Apenas olhei a comida e achei que isso era o que queria.

Anfitrião: Fiz isso de propósito, a fim de que você desenvolvesse, gradualmente, sua própria vontade, que, se supõe, seria criada para atender a você mesmo. Simultaneamente, você estaria tomando o lugar do hóspede e do anfitrião.

Hóspede: Por que tudo isso é assim?

Anfitrião: Com o propósito de levá-lo à plenitude. De modo que você deseje cada coisa em sua totalidade, e consiga a satisfação suprema. Para que você possa desfrutar cada desejo ao máximo, e a fim de que o prazer seja ilimitado.

Hóspede: Por que, então, eu não sabia disso desde o começo? Tudo o que eu via a meu redor eram objetos que eu desejava, sem suspeitar que o que realmente queria todo esse tempo era você.

Anfitrião: É feito de tal maneira que, quando você se encontrasse em uma situação na qual não me percebesse, viria a mim e criaria essa vontade interna por si mesmo.

Hóspede: (Desconcertado) Mas se eu posso criar essa vontade dentro de mim, onde você entra?

Anfitrião: Fui eu quem criou em você a simples vontade egoísta, e continuo desenvolvendo-a, ao cercá-lo constantemente com novos objetos de deleite.

Hóspede: Mas para que tudo isso?

Anfitrião: O propósito é convencê-lo de que perseguir prazer nunca o satisfará por completo.

Hóspede: Posso ver. No momento em que consigo o que quero, o prazer desaparece de imediato, e de novo desejo algo maior ou completamente diferente. Portanto, estou em uma caça constante de prazer, mas sem nunca alcançá-lo totalmente. No instante em que o tenho em minhas mãos, ele escorrega.

Anfitrião: E essa é justamente a razão pela qual você desenvolve o sentido de si próprio, e se torna consciente da inutilidade desse tipo de existência.

Hóspede: Mas, se você me mostrasse como são as coisas na realidade, eu entenderia o significado e o propósito de tudo o que estaria ocorrendo!

Anfitrião: Esse quadro é revelado apenas depois que você está totalmente convencido da falta de propósito de sua existência egoísta, e ao perceber que precisa de uma nova forma de conduta. Precisa conhecer suas raízes e o significado de sua vida.

Hóspede: Mas esse processo dura milhares de anos. Quando termina?

Anfitrião: Nada é criado desnecessariamente. Tudo o que existe está aí com o único propósito de revelar às criações uma forma diferente de existência. Esse processo é lento, porque cada pequeno desejo precisa aparecer e ser reconhecido como algo que não vale a pena utilizar em sua forma preliminar.

Hóspede: E há muitos desejos desse tipo?

Anfitrião: Muitíssimos, e em proporção direta ao prazer que você receberá no futuro. Mas o prazer de receber a comida não muda. Você não pode comer mais do que um almoço por dia. A capacidade de seu estômago não mudará. Portanto, a quantidade que chega de mim e que é recebida por você não muda. Porém, quando você janta em minha mesa para me satisfazer, esse pensamento específico cria em você uma nova vontade de comer e um novo prazer, além do prazer da comida. Esse prazer é medido em tamanho e poder, ou em quantidade e qualidade, conforme a quantidade de prazer que você obtenha ao jantar em minha mesa, a fim de me agradar.

Hóspede: Então, como posso aumentar meu desejo de receber prazer para seu benefício?

Anfitrião: Isso depende de seu apreço e respeito por mim. Isso depende de quão grande você me considerar.

Hóspede: Então, como eu poderia aumentar meu apreço por você?

Anfitrião: Para isso, você simplesmente precisa saber mais sobre

mim, ver-me em cada ação que desempenho, observar e ter certeza de quão grande realmente sou. Estar totalmente consciente de que sou onipotente, compassivo e benévolo.

Hóspede: Então, manifeste-se!

Anfitrião: Se seu pedido provier de um desejo de dar a mim, revelar-me-ei. Mas, se provier do desejo de agradar a você mesmo ao me ver, não somente me absterei de me revelar a você, como também me ocultarei ainda mais profundamente.

Hóspede: Por quê? Por acaso não lhe é indiferente o modo como eu receber de você? Afinal, você deseja que eu desfrute. Por que se ocultar de mim?

Anfitrião: Se eu me revelar por completo, você receberá tanto prazer por minha eternidade, onipotência e plenitude, que não será capaz de aceitar esse prazer para meu benefício. Esse pensamento nem sequer lhe passará pela cabeça, e depois você se sentirá novamente envergonhado. Além do mais, pelo fato de o prazer ser perpétuo – tal como vimos antes –, eliminará seu desejo, e de novo você ficará sem vontade.

Hóspede: (Finalmente percebendo) Então essa é a razão pela qual você se oculta de mim, para me ajudar! E eu pensei que fosse por que você não queria que eu o conhecesse.

Anfitrião: Meu maior desejo é que você me veja e que esteja perto de mim. Mas, o que posso fazer, se nesse caso você não seria capaz de sentir prazer? Não seria isso o mesmo que morrer?

Hóspede: Mas, se não tenho consciência de você, então, como posso progredir? Tudo depende de quanto você se revelar a mim.

Anfitrião: De fato, somente a sensação de minha presença cria em você a capacidade de crescer e receber. Sem esse sentido, você simplesmente consome tudo e, imediatamente, deixa de sentir qualquer prazer. Por isso, quando apareço diante de você, você sente vergonha, a sensação de quem outorga, e a vontade de receber os mesmos atributos do provedor.

Hóspede: Pois se revele a mim o quanto antes!

Anfitrião: Fá-lo-ei, mas somente até o ponto que for para seu benefício, apesar de querer aparecer diante de você. Afinal, oculto-me de propósito, a fim de criar em você condições de livre escolha. Desse modo, você pode ser livre para agir e escolher como pensar, independente de minha presença. Não haverá pressão por parte do anfitrião.

Hóspede: Então, como você se revela para mim?

Anfitrião: Faça isso lenta e gradualmente. Cada nível de revelação é considerado um *mundo*, desde o nível mais oculto até o mais exposto.